

22-04-2022

## A Hipocrisia do Centro

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório  
do trabalho latino-americano]

Chile, Costa Rica, Colômbia e Brasil são os quatro países latinoamericanos com eleições majoritárias em 2022. Chile com a “esquerda” e Costa Rica com a “direita” já sacramentaram suas posições. As aspas são por conta do espectro político que no mundo atual são rótulos indefinidos. Não só na região, mas no mundo como um todo, a polarização esquerda-direita ganhou contornos inesperados de disputa dos dois extremos ideológicos naquilo que têm de pior: as suas semelhanças! A direita liberal auto intitulada não extremista que também se auto intitula de centro democrático é bem conhecida.

Filhota empedernida e intransigente do capitalismo não esconde sua natureza. O fato de ser rotulada de liberal pressupõe, a priori, o liberalismo econômico, a crença na mão invisível do mercado e a ojeriza de que o Estado interfira nas transações de mercado, exceto para garanti-las. Ou seja, é liberal para um Estado garantidor das transações para a acumulação capitalista, mas é conservador para impedir que o mesmo Estado regulamente excessos da mesma acumulação, para ser capaz de redistribuir recursos para os direitos da população. Não creio, por isso, que exista um liberalismo puro, salvo o liberalismo econômico com essas características, portanto, conservadoras do status quo do direito ilimitado da propriedade privada. Justifica-se por vários jargões - meritocracia, liberdade de escolha, desigualdades inerentes às sociedades humanas etc. - Liberais são conservadores por essência.

Seria ingênuo considerar que os liberais representam o centro democrático. Alguns elementos, a depender, das conjunturas políticas, como ocorre hoje em vários países, como Chile, Costa Rica, Colômbia e Brasil, colocam os liberais de braços dados com a extrema direita.

O fato foi bem evidenciado no Brasil atual. Sem entrar em detalhes, a extrema direita é favorável a um Estado garantidor das transações de mercado para obter resultados de fortalecimento do autoritarismo, geralmente com financiamento de grupos corporativos de matiz autoritário - membros das forças armadas e da segurança pública; religiosos fundamentalistas e ultra conservadores; caminhoneiros; empresários ultraconservadores/liberais e predadores do orçamento público e do meio ambiente; e, para complicar, grupos paralegais: garimpeiros; grileiros de terras; milicianos; nazistas etc...

Esse fenômeno que levou à eleição de Bolsonaro e, de certo modo, à de Duque na Colômbia, finca raízes difíceis de extirpar pelo processo democrático de curso legalista e tradicional. A tentativa de intimidação e/ou controle da imprensa e o predomínio, atualmente, das mídias sociais como principal veículo de informação de grandes contingentes da população são algumas de suas razões.

A ocupação do aparelho de Estado (Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário) são paulatinamente perseguidos e, muitas vezes, alcançados no tempo histórico curto. Vimos isso em outros países (Rússia, Índia, Hungria, Turquia, bem sucedidos) e nos EUA com Trump (até agora mal sucedido). As palavras de ordem que habitualmente sustentam o binômio direita liberal conservadora & extrema direita são sintéticas: Deus, Pátria, Família, Liberdade, Ordem, Segurança e Crescimento Econômico. Segundo seus ideólogos, tudo o que está fora disso, como direitos humanos, igualdade, equidade, diversidade, sustentabilidade, cultura, ciência, reparação, transparência e informação são ameaças ao projeto. Por sua vez, o extremo ideológico oposto, o da esquerda, utiliza-se de mecanismos muitas vezes similares aos da direita. Para sintetizar: o autoritarismo com um controle maior das transações de mercado para supostamente garantir mais direitos; o aparelhamento ideológico-corporativo do Estado; a intimidação e controle da imprensa; a utilização de mecanismos de cooptação das forças armadas, de segurança pública e de mecanismos para militares, entre outras.

E é ingênuo pensar que direitos humanos, igualdade, equidade, diversidade, sustentabilidade, cultura, ciência, reparação, transparência, informação (as palavras canceladas pela extrema direita) são plenamente garantidas na extrema esquerda. Se considerarmos que os extremos distanciam-se do centro e, por isso, o chamado centro democrático, tão palatável para os que se autointitulam democratas radicais, poderíamos achar que é a grande solução da conturbada modernidade política. Doce ilusão. O centro é hipócrita. É nele que se escondem os que se dizem neutros, os analfabetos e ignorantes políticos, os nazistas e fascistas sem voz, os racistas e homofóbicos, os endinheirados, os preconceituosos enrustidos, o povo do armário, os em cima do muro, entre tantos. Mas é do centro que saem esses que ficam à espreita para fazerem a escolha, geralmente errada para um lado ou outro. E como sair do centro sem entrar num extremo ou outro?

As sociedades complexas, como as que se nos apresentam hoje, ainda não conseguiram apresentar uma solução equilibrada para impedir o que se avizinha de forma inexorável: civilização ou barbárie.

Essa expressão, muito utilizada coloquialmente e em vários textos tem origem na obra *Facundo: civilização e barbárie*, do escritor argentino, Domingo F. Sarmiento, publicada em 1845.

Duas palavras antagônicas que servem para deixar os mais céticos, otimistas, “apolíticos”, autorrotulados de centro, alienados, com cara de tacho quando virem que nossos países caminham rapidamente para a barbárie. De certo modo, a situação é bem pior no Brasil, pelo cenário mais avassalador das ameaças dos grupos palacianos.

Na Colômbia ainda tenho alguma dúvida, mas no Brasil, lamento dizer: *ditadura ou guerra civil* é uma perspectiva plausível. Projeções políticas são sempre falhas, mas muitas delas acertam nas brechas das falhas, em geral com um erro de tempo para mais ou para menos ...

Referência: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59862924>

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*